

# O cosmógrafo e o presidente – resenha

Breno Viotto Pedrosa  
Unila

p. 466-468

## Como citar este artigo:

PEDROSA, B. V. O cosmógrafo e o presidente – resenha. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 2, p. 466-468, mês. 2018. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/109228>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.109228>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 22 • nº 2 (2018)

ISSN 2179-0892

# O cosmógrafo e o presidente – resenha

REBOK, S. *Humboldt and Jefferson: a transatlantic friendship of the enlightenment*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2014. E-book.

O livro de Sandra Rebok, renomada autora que se dedica ao estudo de Humboldt, nos traz um retrato de duas importantes figuras da história do século XIX. De um lado a autora caracteriza a viagem, as invenções, os aspectos metodológicos, a visão de mundo de Alexander von Humboldt (1769-1859) e sua visita aos Estados Unidos, sem nunca perder de vista que este personagem é, em primeiro lugar, um cientista influenciado pelo iluminismo e pelo romantismo, possuindo um compromisso ferrenho com o conhecimento. De outro, ilustra os antecedentes biográficos de Thomas Jefferson (1743-1826), seu percurso na política estadunidense, sua ascensão como governador da Virgínia à presidência, sem deixar de ser um homem da ciência, interessado em assuntos diversos. A lista inclui o gosto pela climatologia, paleontologia, geografia, astronomia e a dinâmica da natureza, temas debatidos com Humboldt. Jefferson se interessa pela arquitetura, principalmente após sua estada em Paris, em 1784, pois, apesar de ele demonstrar desdém por alguns aspectos políticos do velho mundo, o deleite estético das construções o toca.

O livro está dividido em oito capítulos: (1) “Antecedentes biográficos”, em que constam elementos das duas figuras antes de seu encontro; (2) “A viagem de Humboldt aos Estados Unidos” com as circunstâncias e trajetória da visita; (3) “Experiências transatlânticas” que explora a relação entre Europa e EUA no tocante a aspectos sociais e políticos; (4) “Uma rede transatlântica de conhecimento e ideias” versa sobre a dinâmica da circulação dos saberes na época; (5) “Jefferson apresenta sua nova nação” demonstra as posições e diretrizes políticas de Jefferson; (6) “Duas visões sobre a Revolução Haitiana”, trabalha os pontos de vista de ambos sobre a revolução no Haiti; (7) “Engajamento no Mundo Natural”, explora as descobertas científicas da época e a mudanças que elas provocaram; (8) “Paralelos e Discrepâncias” propõe uma abordagem comparada das duas figuras; e, finalmente, a obra possui um epílogo.

Além da contextualização histórica sólida, a autora, no final da obra, reproduz a correspondência entre Humboldt e Jefferson. Hoje sabemos que Humboldt foi um entusiasta das revoluções em seu aspecto humanista, mas repudiava todo tipo de violência, incluindo a revo-

lucionária. Isso fica claro com a Revolta de Santo Domingo, evento que reforça o antiescravismo de Humboldt. Mesmo que ele não tenha atacado explicitamente o sistema monárquico – Humboldt era membro da aristocracia – os princípios da igualdade, da liberdade, o governo ilustrado e o republicanismo eram apreciados pelo prussiano.

Jefferson, por sua vez, em função dos interesses estadunidenses, adotou uma postura mais reticente, visando os interesses dos escravocratas do sul dos Estados Unidos. Mesmo que, a princípio, ele diga que não interferirá na revolta, na prática, acaba se envolvendo como um dos agentes que, junto às potências europeias, sela o destino da ilha, pois Santo Domingo poderia fomentar novas lutas contra a escravidão. Contudo, Jefferson defendia que os EUA tinham o hemisfério ocidental sob sua influência, que, facilitado pelo isolamento geográfico, resguardaria o novo mundo distante da tutela europeia. A construção de um canal que liga o Pacífico e o Atlântico também é tema de discussão entre ambos. Jefferson, assim como seus concidadãos, é marcado por um forte pragmatismo, que se reflete na sua visão de mundo.

A visita aos Estados Unidos de Humboldt se deu por acidente, pois uma forte tempestade impossibilitou sua volta para Europa, gerando receio da perda dos materiais coletados durante sua expedição pelo México e América do Sul. Nesse sentido, os contatos diplomáticos no México facilitaram seu acolhimento nos Estados Unidos. Lá, Humboldt encontra um ambiente intelectual em efervescência no que diz respeito à compreensão da natureza e no tocante às expedições geográficas, que buscavam explorar os territórios incógnitos. O próprio Jefferson é autor de *Notes on the State of Virginia* (1785), texto consultado por Humboldt, que segundo Rebok influenciou sua geografia regional, notadamente, os trabalhos sobre o México e Cuba. Além disso, Rebok destaca que Bernhardus Varenius (1622-1650) e o método comparativo em geografia seriam duas influências compartilhadas pelos protagonistas, além de eles refutarem, com argumentos científicos, a tese de Conde de Buffon (1707-1788) de que a América seria, do ponto de vista natural, inferior à Europa.

A autora demonstra a impossibilidade de compreender os personagens sem ter em mente suas redes e conexões sociais, destacando o contexto transnacional atlântico de trocas científicas e políticas. Humboldt possuía uma ampla gama de colaboradores que lhe forneciam as mais diversas informações, possibilitando a construção de seu conhecimento e a análise crítica dos dados coletados em campo. Nesse sentido, o próprio Jefferson foi consultado por Humboldt, pessoalmente e por cartas, sendo que o inverso também ocorreu. A estada nos Estados Unidos, entre maio e junho de 1804, contribuiu para aumentar a rede, ampliando o círculo de correspondentes. Humboldt com a ampliação de seu círculo social e com a divulgação dos suas obras angariou admiradores e foi reconhecido amplamente, sendo sua fama eclipsada apenas quando Darwin publicou *A origem das espécies*, cujo impacto se faz sentir até hoje. O pensamento de Humboldt, contudo, não é totalmente estranho ao raciocínio de Darwin, uma vez que sua busca por causalidades, sem sombra de dúvidas, gerou um conhecimento rico. Aliás, nesse sentido, Rebok é realista ao defender que a ecologia não pode ter uma só origem ou ser fruto do trabalho de apenas um homem.

Rebok demonstra que Jefferson também era membro de ampla rede política e até certa medida científica, uma vez que sua fama como inventor e cientista não foi fato menor. Jefferson era uma autoridade científica reconhecida e Humboldt vislumbrava a possibilidade

de realizar expedições nos Estados Unidos com o apoio do presidente. Ao explorar as relações epistolares e históricas, a autora tende a supervalorizar a admiração de Humboldt por Jefferson e, de fato, identificação de ambos é grande, pois Jefferson é governante com boas credenciais, em função de seu comprometimento com a política e com a ciência. Acrescenta-se o fato de Jefferson ser mais velho e Humboldt ainda não ter atingido o ápice de sua notoriedade. Apesar de Jefferson e os Estados Unidos representem um “mundo novo” para o jovem Humboldt em ascensão, mesmo que ele escreva pedindo um exemplar de *Notes* autografado por Jefferson, até que ponto sua admiração não tropeça nas contradições estadunidenses e do próprio presidente? A controvérsia mais notória, alvo de outras obras de história, é a relação dúbia de Jefferson no tocante à escravidão nos EUA, ilustrada, por exemplo, pela interferência em Santo Domingo. Rebok certamente nos dá interessantes respostas, documentos originais e um balanço que constitui um patamar sólido de discussão. Sendo assim, a obra situa bem Humboldt e Jefferson, instigando a curiosidade dos leitores para explorar ainda mais as redes epistolares dos geógrafos.